

Atualidade econômica

Otimismo, mas com moderação

A afirmação do ministro Delfim Netto de que a recessão está acabando vem, de certo modo e por outro ângulo, complementar recentes declarações do presidente do Banco Central, a respeito do cumprimento das metas acertadas com o FMI. Neste sentido, nota-se o retorno de manifestações impregnadas de maior dose de otimismo por parte das autoridades econômicas, algo que estava distante da cena há muito tempo.

Ao contrário do que ocorria antigamente, os pronunciamentos parecem pautar-se por certa dose de cautela, mesmo por parte do titular do Planejamento, reconhecidamente otimista nas suas expectativas. No entanto, ao afirmar que o crescimento depende da ampliação do setor exportador, o ministro preferiu não perfilar as dificuldades que impedem esta consolidação e que não residem apenas no Exterior. Com efeito, não se deve atribuir às taxas de juro norte-americanas o papel de vilão da história, como se o desenvolvimento brasileiro delas dependesse exclusivamente. Analogamente, sem subestimar a importância do protecionismo, é preciso reconhecer que o mesmo já se vem consolidando como uma estratégia deliberada de política comercial, contra a qual pouco pode ser feito pelas nações em desenvolvimento. Será necessário aumentar a resistência do organismo econômico interno e aprender a conviver com isso.

Vale a pena lembrar, outrossim, que a consolidação das exportações pressupõe a retomada da produção e, portanto, das importações indispensáveis para tal. Na realidade, a economia brasileira carece de um maior grau de abertura em relação ao mercado internacional, o que comprova que as bases daquilo que se denominava de "modelo exportador" não são mais aceitáveis atualmente. Se o Brasil, ou outra nação, precisa fortalecer-se terá de fazê-lo mediante ganhos de produtividade, na medida em que simples apelos à boa vontade dos credores não são suficientes para propiciar uma continuidade significativa para o relativo desafio cambial que está sendo obtido no momento.

Quanto aos indicadores do emprego e da produção industrial, mencionados pelo ministro em apoio ao seu otimismo, convém ressaltar mais uma vez que seu comportamento recente precisa ser confirmado pela recuperação das vendas a nível de varejo. Até que se chegue a este ponto, poderá ser eventualmente precipitado afirmar que a recessão está no fim. Ademais, a firmeza deste processo passa por algumas medidas importantes, como a reformulação da política salarial, o controle assegurado da política monetária e da inflação, algo que demanda tempo e paciência e que dificilmente será alcançado a curto prazo.

Qualquer tentativa de restaurar confiança na política econômica deve ser bem recebida, desde que devidamente amparada por resultados. Estes podem efetivamente emergir com mais afinco nos próximos meses, resta saber se configurarão uma tendência duradoura ou apenas um alívio frente à recessão, como que a mostrar que esta não mais dispõe de terreno para caminhar. É de se notar que o empresariado mostra-se prudente nas avaliações que realiza, o que não deixa de ser um sinal importante. Afinal, trata-se da classe a quem menos interessa perpetuar um clima de derrotismo econômico.

Os próximos meses serão decisivos para evidenciar o potencial da recuperação e, portanto, para indicar em que condições o País começará sua nova rodada de discussões com os credores externos. Uma opção decidida por um incremento controlado das importações seria vital para consolidar os impulsos iniciais, sem aquecer em demasia a demanda interna (algo aliás difícil sem reformulação da política salarial).